
Sentidos de liberdade de expressão na circulação de produções humorísticas: reflexões a partir do caso da produtora Porta dos Fundos¹

Nara Lya Cabral SCABIN²
Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

RESUMO

Sabendo que o campo do humor tem se mostrado um espaço de condensação e potencialização de conflitos, polêmicas e disputas discursivas transversais à sociedade (POSSENTI, 2018), o trabalho investiga a mobilização de sentidos de liberdade de expressão na circulação de produtos humorísticos audiovisuais. Para tanto, propõe-se a hipótese de que, na circulação dessas produções, os sentidos de liberdade de expressão, ao serem acionados, são tanto disputados/negociados/tensionados quanto mobilizados como elementos-chave de julgamento e avaliação crítica das obras. Do ponto de vista metodológico, o artigo recorre ao conceito de “circuito cultural” ou “circuito de comunicação” (ESCOSTEGUY, 2007; JOHNSON, 1996) e destaca o caso da produtora Porta dos Fundos e de seu Especial de Natal *A Primeira Tentação de Cristo* (2019).

PALAVRAS-CHAVE: liberdade de expressão; comunicação audiovisual; circulação; humor; plataformas digitais.

Introdução

O campo do humor destaca-se atualmente como espaço de potencialização de tensões, conflitos e disputas discursivas transversais à sociedade e ao debate público midiático, com destaque para a discussão sobre os limites da liberdade de expressão (POSSENTI, 2018). Diante disso, e considerando o contexto de recente “virada conservadora” (NORRIS; INGLEHART, 2019), este trabalho propõe-se a investigar relações estabelecidas entre o campo do humor – e, em especial, do humor audiovisual³ – e discursos sobre liberdade de expressão em circulação na cultura midiática.

Nos últimos anos, a relação entre humor e liberdade de expressão tem ganhado destaque na cobertura da imprensa e converte-se em objeto de debate em redes sociais digitais em face de episódios que vão de denúncias contra conteúdos supostamente ofensivos do ponto de vista dos direitos da personalidade a discussões sobre o

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (PPGCOM-UAM). Coordenadora do GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão da INTERCOM, líder do Grupo de Pesquisa RISOMídia – Representações, Mediações e Humor na Cultura Audiovisual (CNPq/UAM) e integrante do MídiaAto – Grupo de Estudos de Linguagem: Práticas Midiáticas. E-mail: naralyacabral@yahoo.com.br.

³ Nesta pesquisa, filiando-nos ao programa de pesquisa defendido por Possenti (2010), partimos da ideia de que o humor configura um campo discursivo, mas operamos com recortes relacionados ao campo discursivo do *humor audiovisual*, universo mais palpável e pertinente aos nossos propósitos.

autodenominado humor “politicamente incorreto” – em geral, um rótulo que abriga manifestações que invocam a liberdade de expressão como forma de justificar discursos estigmatizantes contra minorias e grupos marginalizados (SCABIN, 2018) –, passando por tentativas de proibir produções humorísticas e ataques (verbais e físicos) a produtores de conteúdo.

Em relação ao encaminhamento ao Judiciário de demandas relacionadas a discursos humorísticos, Oliva, Antonialli e Santos chamam a atenção para os impactos decorrentes de transformações na produção e consumo desses conteúdos no contexto de expansão das plataformas digitais: “Com a multiplicação do número de conteúdos produzidos e a potencialização do número de acessos, suspeita-se ter também aumentado o número de ações judiciais questionando conteúdos potencialmente ofensivos” (OLIVA; ANTONALLI; SANTOS, 2019, p. 23).

Ainda segundo os autores, episódios de censura a humoristas que atuam em plataformas digitais não são casos isolados; os argumentos mais comuns dos pedidos contra humoristas encaminhados à Justiça na esfera cível remetem à proteção da honra e da imagem, pleiteando quase sempre indenização por danos morais e, com frequência um pouco menor, retirada de conteúdo. Além disso, em face de conflitos entre liberdade de expressão e direitos da personalidade, os autores apontam que o Judiciário tem decidido em favor dos segundos (OLIVA; ANTONALLI; SANTOS, 2019).

Tema central a este trabalho, o histórico embate entre humor e religião também tem sido reatualizado no Brasil, com a abertura de processos judiciais e ataques dirigidos contra humoristas que representam de forma satírica elementos da religiosidade cristã em suas produções⁴. Evidentemente, não estamos diante de conflitos novos⁵, embora suas roupagens se renovem à luz de dinâmicas de produção, circulação e consumo de conteúdos audiovisuais próprias das plataformas digitais, do avanço da extrema direita e do aumento da influência de denominações religiosas sobre o Estado.

Neste cenário, destaca-se a tentativa de censura e intimidação contra o grupo de humor Porta dos Fundos por seu Especial de Natal *A primeira tentação de Cristo*

⁴ A produtora Porta dos Fundos, por exemplo, que será foco de atenção deste trabalho a partir de seu Especial de Natal de 2019, já havia sido alvo de uma representação criminal aberta por uma entidade católica em 2014 (NUBLAT; LIMA, 2014).

⁵ A propósito da representação satírica de narrativas e símbolos religiosos em produções audiovisuais no século XX, destacam-se as produções realizadas pelo grupo *Monty Python*, que estreou na TV inglesa em 1966 e influenciou programas cômicos ao redor de todo o mundo. Em especial, ressaltamos o caso do filme *A vida de Brian*, de 1979, que narra a trajetória de um contemporâneo de Jesus confundido com o messias, tendo sido censurado em alguns países (MENEZES, 2019).

(2019), disponibilizado na plataforma de *streaming* Netflix. Além da tentativa, por parte de grupos religiosos, de retirar a obra de circulação por vias judiciais, a sede da produtora no Rio de Janeiro foi alvo de um ataque a bomba no dia 24 de dezembro de 2019. Segundo reportagem da *Folha de S. Paulo* de 4 de janeiro de 2020, a autoria do atentado foi assumida pelo empresário Eduardo Falzi Richard Cerquise, de 41 anos, que declarou em entrevista que o ato foi realizado em represália ao que chamou de “violência simbólica” do filme (PAMPLONA, 2020).

Diante destas considerações iniciais, é preciso destacar que o objetivo deste artigo não é discutir aspectos legais ou jurídicos implicados em casos de embate entre os campos humorístico e religioso; tampouco pretendemos, neste momento, desenvolver uma reflexão ética ou mesmo política sobre a representação humorística de símbolos e narrativas cristãos. Em lugar disso, interessa-nos examinar como sentidos de liberdade de expressão são percebidos, mobilizados, negociados e tensionados na circulação de produções humorísticas, com destaque para espaços legitimados de crítica na cultura midiática. Para tanto, elegemos, como foco de atenção, o caso da produtora Porta dos Fundos e de seu já citado *A Primeira Tentação de Cristo*.

Desenho metodológico

Ao procurar investigar como se dá o acionamento de sentidos de liberdade de expressão na circulação midiática de produtos audiovisuais humorísticos, com destaque para sua recepção crítica, este trabalho propõe a hipótese de que, na circulação dessas produções, os sentidos de liberdade de expressão, ao serem mobilizados, são tanto disputados/negociados/tensionados quanto acessados como elemento-chave de julgamento e apreciação crítica das obras.

Defendemos que os sentidos e diálogos produzidos na circulação midiática de produtos audiovisuais tornam-se decisivos tanto à sua recepção/consumo quanto à sua reprodução e recirculação, de modo que seu exame representa operação fundamental a propostas de pesquisa que buscam compreender os processos de produção de sentido a partir de diferentes lugares do “circuito cultural” ou “circuito de comunicação” (ESCOSTEGUY, 2007; JOHNSON, 1996), para além do exame do próprio texto. Endossamos aqui a perspectiva de Silverstone (2002), para quem é fundamental estudar os textos que se depositam no entorno de objetos midiáticos como “cracas” que aderem ao casco de um navio.

Neste texto, procuramos examinar, de maneira preliminar e como parte de um projeto de pesquisa mais amplo em andamento⁶, como sentidos de liberdade de expressão são mobilizados, tensionados, negociados na circulação de produções do coletivo de humor Porta dos Fundos, elegendo o caso do filme *A primeira tentação de Cristo* como foco de atenção. Tal escolha deve-se ao fato de a circulação da obra em questão sabidamente ter envolvido discussões em torno do ataque e da tentativa de censura por vias judiciais à produtora; podemos, dessa forma, indagar *como* sentidos de liberdade de expressão foram mobilizados nessa circulação, a fim de avançarmos na formulação de questões e hipóteses para estudos futuros.

Do ponto de vista metodológico, pautamo-nos pelo modelo de circuito cultural proposto por Johnson (1996), tomando-o a partir da leitura de Escosteguy (2007). Segundo esse modelo, o estudo de objetos midiáticos deve envolver a construção de protocolos metodológicos capazes de considerar, ainda que com ênfases variáveis, três instâncias constitutivas do circuito da comunicação, a saber: *produção, texto e leitura*. Dadas as evidentes limitações deste artigo, não exploraremos de maneira exaustiva os três níveis de análise; em lugar disso, nosso foco recairá sobre sentidos em circulação na cultura midiática que integram os universos de referência – ou o que Escosteguy (2007) destaca como “reservatórios culturais” – a partir dos quais se articulam tanto a produção quanto a leitura de textos humorísticos audiovisuais.

Em especial, examinaremos manifestações em lugares legitimados de crítica na cultura midiática. Por um lado, tal objetivo coloca-nos a possibilidade de considerar processos de *leitura* da produção em foco (ainda que se trate da leitura dos *críticos* e, portanto, de uma leitura privilegiada, sujeita a mediações altamente especializadas); por outro lado, entendendo a crítica como “prática cultural”, ele nos permite alcançar um espaço de contato e negociação entre produção/emissão e recepção/consumo, como defendem Soares e Silva (2016) a propósito da crítica de mídia.

A partir de tais considerações, o *corpus* analítico da pesquisa abarca críticas extraídas de portais de veículos do chamado “jornalismo de referência” (ZAMIN, 2014). Mais especificamente, elegemos como universo de investigação dois jornais representativos dessa parcela da imprensa brasileira, detentores de linhas editoriais que, não obstante suas muitas proximidades, revelam também certas particularidades

⁶ Referimo-nos ao projeto de pesquisa “Expressão humorísticas na produção e consumo audiovisual em rede: diálogo, representação e mediações em vídeos no YouTube”, conduzido no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi desde agosto de 2020.

político-ideológicas: *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Os textos foram localizados a partir de buscas realizadas nos próprios portais, durante o mês de julho de 2021, usando a palavra-chave “A primeira tentação de Cristo”.

A fim de selecionar, dentre os resultados retornados pelos motores de busca, os textos que efetivamente comporiam o *corpus* analítico, pautamo-nos pelo entendimento de crítica como gênero textual específico, marcado por determinadas convenções conhecidas pelo público, cuja produção fica a cargo daqueles reconhecidos como críticos por possuírem saberes que o público não domina (SOARES; SILVA, 2016). Chegamos, dessa forma, a um conjunto de 10 críticas sobre *A primeira tentação de Cristo* publicadas pela *Folha* (oito ocorrências) e pelo *Estado* (duas ocorrências)⁷.

Antes, porém, de passar à identificação de sentidos de liberdade de expressão recorrentes no *corpus*, faremos uma breve caracterização, nas próximas páginas, da instância de produção (a produtora Porta dos Fundos) e do texto audiovisual/humorístico em foco (o filme *A primeira tentação de Cristo*), que tomaremos em perspectiva dialógica, como veremos adiante.

O Porta dos Fundos e o filme (quase) censurado

Quando se refere ao exame da dimensão da *produção* no circuito cultural, Escosteguy (2007) destaca a importância de se mapear o “reservatório de elementos culturais” que pautam a produção (“relação entre culturas vividas e produção”); para nossos propósitos, essa preocupação traduz-se, em parte, na consideração de dinâmicas inerentes ao *humor audiovisual* entendido como *campo discursivo*, em que pesem processos de concorrência e legitimação discursivas (MAINGUENEAU, 2010). Dessa forma, o exame de acionamentos de sentidos de liberdade de expressão na circulação crítica de produções humorísticas coloca-se como objetivo de interesse à compreensão de parte das disputas simbólicas presentes no campo do humor.

Neste trabalho, embora fuja às nossas possibilidades realizar uma descrição aprofundada do campo do humor e do lugar da produção implicado no objeto em estudo, alguns aspectos podem ser destacados. Assim, convém observar que a produção humorística possui raízes fortemente fincadas na cultura midiática e audiovisual brasileira, ocupando espaços cativos na história do rádio e da TV e figurando entre os

⁷ Este conjunto abarca todas as críticas localizadas pelos motores de busca dos portais dos jornais em questão, quando utilizada a palavra-chave “A primeira tentação de Cristo”, inclusive aquelas publicadas em suplementos e blogs vinculados aos veículos, desde que o filme corresponda ao foco principal do texto.

conteúdos mais consumidos pelo YouTube. Entre os maiores canais brasileiros na plataforma, destacam-se nomes que se associam de diferentes formas à etiqueta do humor: em reportagem da revista *Veja* de 30 de julho de 2020, o canal de Whindersson Nunes, o canal *Porta dos Fundos* e o *Canal Canalha* são listados entre os “gigantes” da plataforma, totalizando dezenas de milhões de usuários inscritos (MEIER, 2018).

Descrito como um “coletivo criativo”, conforme a apresentação disponível em seu canal no YouTube⁸, o *Porta dos Fundos* foi fundado em 2012 por Antonio Tabet, Fábio Porchat, Gregório Duvivier, João Vicente de Castro e Ian SBF. Do projeto criado entre amigos, nasceu uma produtora audiovisual de sucesso: atualmente, o canal conta com 16,8 milhões de inscritos e mais de seis bilhões de visualizações⁹. Em 2019, o grupo venceu o Emmy Internacional de Comédia e chegou ao México com o canal *Backdoor*, que já conta com 3,92 milhões de inscritos¹⁰.

Alguns dos conteúdos de maior repercussão da produtora encontram-se entre seus “especiais de Natal”, lançados anualmente. Em 2018 e 2019, os especiais – até então, vídeos curtos publicados no canal *Porta dos Fundos* no YouTube – foram coproduzidos e disponibilizados pela Netflix como média-metragens. Em 2020, sem a parceria do serviço de *streaming*, o especial de Natal do *Porta* voltou a ser disponibilizado pelo YouTube, tendo já alcançado 2,4 milhões de visualizações¹¹.

No entanto, os filmes lançados entre 2018 e 2020 compartilham algumas estratégias discursivas em comum. Sob a direção de Rodrigo Van Der Put, as três obras têm como mote o diálogo paródico com diferentes obras cinematográficas. Produção em foco neste artigo, *A primeira tentação de Cristo* alude ao clássico de Martin Scorsese *A última tentação de Cristo* (1988). Na trama, Jesus (interpretado por Gregório Duvivier) regressa de uma viagem de 40 dias no deserto – durante os quais procurou “se encontrar” –, acompanhado pelo “amigo” Orlando (Fábio Porchat), que conheceu durante o retiro. Ao chegar em casa, é surpreendido por uma festa de aniversário preparada por Maria (Evelyn Castro) e José (Rafael Portugal), com a presença de Deus (Antonio Tabet), ocasião em que pretendem revelar-lhe sua verdadeira identidade: que ele seria filho de Deus (a quem conheceu por toda a vida como “tio Vitório”) e deveria levar a palavra D’ele para a humanidade. Mas Jesus revela-se hesitante em relação à

⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/PortadosFundos/about>>. Acesso em: 21 Jul. 2021.

⁹ Dados verificados em 21 de julho de 2021.

¹⁰ Dados verificados em 21 de julho de 2021.

¹¹ Dados verificados em 21 de julho de 2021.

nova missão e declara ter descoberto, com a ajuda de Orlando, que sua verdadeira vocação seria trabalhar com malabares; expressa ainda a vontade de viver seus desejos livremente e diz que preferia ser filho de José a ser filho de Deus. Ao mesmo tempo, acompanhamos a tensão sexual entre Maria e Deus, que se desenrola pelas costas de José, com a sugestão de um envolvimento amoroso entre ambos.

Um breve exame da produção revela as relações dialógicas nela engendradas, aspecto importante para se compreender como a obra (e sua produção) se posicionam quanto a discursos em circulação na cultura midiática. Reconhecendo que o dialogismo comparece na obra de Bakhtin e seu círculo como “condição do sentido do discurso”, Barros (2003) destaca dois aspectos em que o conceito se desdobra: o da interação entre enunciador e enunciatário e o da intertextualidade no interior do próprio discurso. Sem pretender esgotar a distinção conceitual em questão, interessa-nos observar que *A primeira tentação de Cristo* mobiliza o diálogo entre diferentes textos da cultura, dos quais dois se destacam de partida: o próprio texto bíblico e o filme *A última tentação de Cristo*, dirigido por Scorsese, com o qual compartilha a representação de um Jesus suscetível a desejos carnis/sexuais.

Em nível mais sutil, mas ainda bastante marcado na textualidade fílmica, coloca-se o diálogo com discursos em circulação no debate político atual. É o caso, por exemplo, de referências à cultura racista e homofóbica que movimentos sociais buscam cada vez mais denunciar no Brasil, como quando a personagem tia Lupita pergunta, sobre Orlando, se “esse rapaz é bicha” e refere-se de modo ofensivo à negritude do rei mago Baltasar. Outro exemplo evidente aparece quando Orlando, logo após assumir-se como Lúcifer, afirma que “a mamata acabou” – frase, constantemente ironizada em memes nas redes sociais, que alude a diversas falas do atual presidente Jair Bolsonaro sobre a corrupção praticada por seus predecessores políticos e a suposta “honestidade” de seu governo.

Ao lado de posicionamentos assumidos abertamente pelo grupo de artistas que compõem a produtora Porta dos Fundos, inclusive em manifestações públicas em diferentes momentos no debate recente, as marcas de dialogismo inscritas como intertextualidade em *A primeira tentação de Cristo* evidenciam um filme que não apenas cita o debate político, mas, sobretudo, responde a ele. Em outros termos, a obra deixa entrever, para além da sátira bíblica presente em uma camada de sentido mais evidente, um discurso crítico também a questões como a hipocrisia dos defensores da

família e da religião e o racismo e homofobia (nem tão) velados entre nós; ao mesmo tempo, posiciona-se de forma provocativa em relação ao conservadorismo recrudescente no Brasil por meio da representação de um Jesus *gay*. Assim, compreendemos que o filme interage com sentidos em circulação não só pela dialogização de posições semânticas nele presente, mas também por sua constituição pragmática.

Não por acaso, foi a representação de Jesus como um jovem tentando “sair do armário”, afeminado e envolvido em uma experiência erótica com Orlando – que o teria “tentado” no deserto e mais tarde revelaria ser Lúcifer –, o que causou revolta entre entidades cristãs¹² e parece ter levado a Justiça a acatar, ainda que temporariamente, a solicitações de interdição da obra, não obstante o tom iconoclasta presente não apenas em todo o filme, mas em outras produções do Porta dos Fundos, inclusive no Especial de Natal do ano anterior, igualmente disponibilizado pela Netflix¹³.

Após o ataque à sede da produtora em dezembro de 2019, o Especial de Natal foi proibido, em decisão liminar, pela Justiça do Rio, que acatou em 8 de janeiro de 2020 ao pedido da Associação Centro Dom Bosco de Fé e Cultura, anteriormente negado em primeira instância durante o Plantão Judiciário (G1, 2020). A suspensão durou menos de 24 horas, sendo derrubada, já no dia seguinte, pelo Supremo Tribunal Federal (STF), que defendeu a inviolabilidade do direito à liberdade de expressão (MOREIRA, 2020). Ainda que breve, o episódio de “censura togada” – como descrito por Cristina Costa (apud RODRIGUES, 2020) – levou a um debate acalorado em redes sociais digitais e na imprensa.

A liberdade de expressão na circulação crítica do humor¹⁴

Foi em meio a um intenso debate gerado pela tentativa de censura e o ataque à sede da produtora Porta dos Fundos que as críticas ao filme *A primeira tentação de Cristo* chegaram às páginas do jornalismo de referência. No caso dos veículos considerados neste estudo, observa-se que eles realizaram uma extensa cobertura do

¹² Até 6 de agosto de 2020, a produtora Porta dos Fundos enfrentava ao menos 23 processos judiciais, oriundos de oito estados, que buscavam retirar do ar o Especial *A primeira tentação de Cristo* (CUNHA, 2020).

¹³ Antes do Especial de Natal *A primeira tentação de Cristo*, a Associação Centro Dom Bosco de Fé e Cultura já havia entrado na Justiça com pelo menos três ações solicitando indenização por danos morais e a retirada de vídeos do Porta dos Fundos da Justiça, mas os pedidos não foram atendidos (MOREIRA, 2020).

¹⁴ Nesta seção, considerando-se a limitação de espaço disponível na extensão do artigo, as críticas do *corpus* não serão descritas e analisadas individualmente; em lugar disso, apontaremos sentidos recorrentes no conjunto dos textos, destacando exemplos que ilustram e esclarecem as afirmações feitas.

caso, sugerindo que o episódio censório possa ter – irônica, mas não surpreendentemente – alavancado a visibilidade da obra.

Antes de entrarmos no exame do *corpus* de pesquisa, convém observar que, na cobertura noticiosa realizada por *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, merecem atenção matérias que destacam (inclusive em seus títulos, não raro em discurso direto) declarações de humoristas do Porta dos Fundos. Em 10 de março de 2020, por exemplo, a *Folha* publicou matéria, assinada por Tony Goes, cujo título ressaltava um questionamento feito por um integrante do grupo sobre a omissão do governo Bolsonaro diante do ataque à sede da produtora: “Bolsonaristas preferem Venezuela quando o tema é liberdade, diz Antonio Tabet” (GOES, 2020). Poucos dias depois, em 19 de março, o *Estado* publicou reportagem de Ubiratan Brasil a partir de entrevista com o roteirista de *A primeira tentação de Cristo*, sob o título: “‘Nossa liberdade é inegociável’, diz Fábio Porchat, do Porta dos Fundos”¹⁵.

Embora não seja nosso objetivo, neste momento, analisar a cobertura noticiosa sobre o humor, os exemplos destacados são interessantes na medida em que evidenciam a expressividade da repercussão do filme *A primeira tentação de Cristo* e permitem apreender sentidos em circulação na cultura midiática, dado relevante tendo em vista o fato de que os críticos que fazem crítica de mídia – diferentemente do caso da crítica tradicional de arte – estão imersos no mesmo tecido cultural que criticam (SOARES; SILVA, 2016). Assim, das reportagens acima citadas, dois aspectos se destacam no acionamento discursivo da liberdade de expressão: a crítica/oposição ao governo Bolsonaro e o reconhecimento/tensionamento da liberdade de expressão como princípio inseparável do exercício do humor. Como veremos, o segundo ponto se apresenta de modo recorrente e decisivo nas críticas sobre *A primeira tentação de Cristo* analisadas, enquanto o primeiro comparece de modo menos fundamental no discurso dos críticos.

Quando passamos ao exame do *corpus* analítico, verificamos que a mobilização de sentidos de liberdade de expressão se mostra, de fato, muito presente entre os textos. Em sua coluna de 16 de dezembro de 2019 para o *F5*, site de entretenimento da *Folha*,

¹⁵ No texto, o repórter escreve que a edição de 2020 do especial natalino produzido pelo grupo seria uma “edição diferenciada”, diante do “maior interesse” gerado pelo ataque à sede da produtora. Mais adiante, um sentido de distinção é invocado novamente para afirmar a singularidade da produção humorística como expressão que “praticamente rompe qualquer barreira” (BRASIL, 2020, *online*). Na sequência, uma fala de Porchat evidencia a concepção de que o humor, porque ancorado no riso, deve poder falar de “tudo”, ao mesmo tempo em que reconhece os limites constitucionais da liberdade de expressão à luz de outros direitos: “Acreditamos que podemos fazer piada com tudo e com todos – as pessoas deveriam aprender a rir. Pregamos a liberdade de expressão, dentro da lei” (PORCHAT apud BRASIL, 2020, *online*).

Tony Goes defende a tese de que *A primeira tentação de Cristo* seria, nas palavras do crítico, um filme “terrivelmente cristão”. Essa leitura serve como ponto de partida ao questionamento dos espectadores que acusaram o filme de ser ofensivo à religião: “Quem critica ‘A Primeira Tentação de Cristo’ não deve ter visto o especial até o fim. Parou na primeira insinuação da homossexualidade de Jesus, ou então só ouviu falar. Sequer apertou o play e já saiu por aí reclamando” (GOES, 2019a, *online*).

Poucos dias depois, em texto de 26 de dezembro, o crítico retorna ao filme para fazer, sob o impacto do atentado contra a sede da produtora, uma defesa aberta da liberdade de expressão. Afirmando “Je suis Porta dos Fundos, e você também deveria ser” (GOES, 2019b, *online*), o texto dialoga explicitamente com a comoção gerada pelo ataque terrorista ao periódico francês *Charlie Hebdo*, em janeiro de 2015. Vale lembrar que, na época, os sentidos de liberdade de expressão em circulação na imprensa assumiram a forma de um discurso “essencialista”, ou “absolutista”, como apontamos em outra ocasião (SCABIN, 2020). É com esta matriz discursiva que a crítica em questão dialoga, aproximando casos distintos no tempo e no espaço.

Ainda na *Folha*, Cristiane Padiglione, em texto publicado no dia 12 de dezembro de 2019 no blog *Telepadi*, também questiona a suposta “ofensa” alegada por entidades cristãs diante de *A primeira tentação de Cristo*, defendendo que, na verdade, os protestos se deviam à intolerância e homofobia. No entanto, à diferença do exemplo anterior, aqui a crítica se volta à discussão sobre a qualidade do humor, defendendo enfaticamente sua capacidade não só de “fazer rir”, mas também de “fazer pensar”:

As melhores comédias são aquelas que tiram o espectador da sua zona de conforto e fazem pensar, além de fazer rir, claro – desde que se esteja disposto a tanto. Ninguém ali quer botar em xeque a fé alheia, ou não em Jesus, figura mítica usada então para provocar uma reflexão muito mais ampla: até que pontos os heróis são tão desumanos como costumamos pintar, atingindo uma perfeição irreal (PADIGLIONE, 2019, *online*).

Como pressuposto desta reflexão, está a defesa de que, porque busca fazer rir e pensar, o humor deve ser livre, inclusive na abordagem de temas incômodos ou tabus. O “tirar o espectador da zona de conforto” seria, portanto, um elemento de “distinção”, um “selo de qualidade” do humor. Por isso, o direito à liberdade de expressão, entendido neste caso como “ausência de censura”, é associado a elementos-chave para a avaliação crítica da produção humorística.

A avaliação crítica do humor com base em seu grau de liberdade aparece também em texto de Luiz Zanin Oricchio para *O Estado de S. Paulo*. O crítico desenvolve sua argumentação em torno da aproximação entre *A primeira tentação de Cristo* e a obra de Monty Python, especialmente a partir do filme *A vida de Brian*, apontado como grande inspiração para o especial natalino do Porta. A possibilidade de um exercício de algum modo mais “pleno” (ou a necessidade de uma proteção “especial”) da liberdade de expressão aparece uma vez mais como traço distintivo do humor, sendo invocada em dois sentidos: primeiro, como aspecto que diferencia o discurso humorístico de outras formas de expressão, já que, pautado pelo riso, o humor demandaria um pacto singular de leitura; e, segundo, como aspecto que diferencia o “bom humor” do “mau humor”, ou, ainda, caracterizaria o “verdadeiro humor”, subversivo e livre. Assim, referindo-se ao filme *A vida de Brian*, o autor afirma:

Enquadra-se no “projeto” anárquico do Monty Python, segundo o qual não existe nada de tão sagrado que não possa ser desconstruído e ironizado. Religião, cultura, saber, o poder, heróis da História - tudo pode ser tratado com humor e mesmo com sarcasmo. Trata-se de um exercício de liberdade, difícil de entender por mentalidades autoritárias. O riso é subversivo e o humor, ou é livre ou simplesmente não existe. Nada é sagrado; apenas a liberdade o é (ORICCHIO, 2020, *online*).

De volta à crítica de Padiglione (2019) anteriormente citada, outro ponto de destaque é o fato de a autora, na sequência de sua argumentação, interpelar a recepção. Isso porque ela identifica em leituras “equivocadas” a fonte de manifestações revoltosas dirigidas contra o Especial de Natal: “Quem não puder rir em meio a um questionamento precisa urgentemente ampliar seu senso crítico, sua percepção de humor e da tolerância que tanto prega (...)” (PADIGLIONE, 2019, *online*).

Questionamento parecido está presente também em texto de Goes (2019a) já mencionado neste artigo, o que chama a atenção para uma articulação específica da crítica de mídia (dirigida não à produção ou ao texto, abordagens mais frequentes, mas à recepção) frente a um episódio de censura. Esse dado se torna particularmente sugestivo quando justaposto às manifestações de espectadores na imprensa. Embora não constituam nosso foco de atenção neste momento, convém observar que, entre as cartas de leitores publicadas pelos jornais analisados, predominam posicionamentos favoráveis à proibição de *A primeira tentação de Cristo*; além disso, mostra-se recorrente o

questionamento, com base justamente no caráter incômodo da obra, de sua qualidade como produto cultural¹⁶. Trata-se, portanto, de perspectivas diametralmente opostas às aquelas encontradas nas críticas analisadas.

De volta a elas, ressaltamos um último exemplo. Trata-se da crítica “Terror no Brasil”, publicado no blog de Luiz Zanin no *Estado* em 27 de dezembro de 2019. Este caso merece atenção mais pelo que tem de singular do que pelo que materializa de recorrente no *corpus* analisado. Isso porque o texto tece questionamentos contundentes à omissão do governo Bolsonaro perante o atentado a bomba contra o Porta dos Fundos e situa o ato em um contexto político mais amplo (a desvalorização da classe artística, o sucateamento da educação, a criminalização dos intelectuais, o avanço do autoritarismo no Brasil), apontando-o como resultado de um ano em que “a boçalidade frutificou em vários escalões da república” (ORICCHIO, 2019, *online*).

Trata-se de um caso excepcional em nosso *corpus*; isso porque, mesmo revelando posicionamento crítico à tentativa de censura de *A primeira tentação de Cristo*, ao ataque à produtora e à hipocrisia (ou má compreensão) de parte da recepção que se revoltou contra o filme, os demais textos analisados na pesquisa não se dedicam a uma leitura da conjuntura política de modo tão aprofundado como a que faz Oricchio (2019). A exceção, neste caso, confirma a regra, e a regra evidencia um aspecto que, na crítica de mídia examinada, pode também, a seu turno, ser criticado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscamos chamar a atenção para a circulação midiática como “lugar” em que se disputam e produzem sentidos, disputas estas que se revelam fundamentais à configuração tanto da produção quanto da recepção de produções audiovisuais situadas, em nosso caso, no campo do humor.

A análise de críticas publicadas em jornais de referência brasileiros sobre o filme humorístico *A primeira tentação de Cristo*, coproduzido pelo Porta dos Fundos e Netflix, evidencia uma intensa mobilização de sentidos de liberdade de expressão, constantemente afirmada como princípio democrático fundamental e elemento-chave à avaliação crítica do humor. Ao mesmo tempo, a defesa da livre expressão se dá por

¹⁶ Dentre as cartas de leitores que se referem ao filme, os argumentos passam pela defesa da “justeza” da censura ao filme quando de sua proibição pela Justiça do Rio (FERES, 2020) e pela afirmação de que a liberdade de expressão seria usada como desculpa para o desrespeito a valores religiosos (RIZZO, 2020).

vezes de forma superficial, sem que se esclareçam questões como, por exemplo, por que o pedido de proibição da obra era inconstitucional e por que o STF não considerou que o direito de liberdade religiosa tivesse sido ferido neste caso, por exemplo.

Por outro lado, em manifestações por parte da instância de produção, verifica-se um empenho mais efetivo em tensionar ou negociar a plenitude do sentido de liberdade de expressão, como no caso da declaração de Fábio Porchat, anteriormente citada, sobre o fato de a liberdade ser inegociável, mas limitada nos termos da lei.

À parte esta última observação, as manifestações dos críticos parecem aproximar-se mais de posicionamentos sustentados sob a perspectiva da produção do que de declarações oriundas do lugar da recepção, embora esta percepção requiera investigações e confirmações futuras. Seria este um fenômeno recorrente no caso da circulação do humor e/ou de obras que tenham passado por processos de censura? O que, no caso analisado, são aspectos singulares e o que constitui tendência geral? Estas são algumas indagações às quais esperamos responder em trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa. “Dialogismo, polifonia e enunciação”. In: BARROS, Diana Luz Pessoa; FIORIN, José Luiz (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003, p. 1-9.

BRASIL, Ubiratan. ‘Nossa liberdade é inegociável’, diz Fábio Porchat, do Porta dos Fundos. **O Estado de S. Paulo**, Televisão, São Paulo, 19 Mar. 2020. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/televisao,nossa-liberdade-e-inegociavel-diz-fabio-porchat-do-porta-dos-fundos,70003238773>. Acesso em: 21 Jul. 2021.

CUNHA, Joana. Porta dos Fundos enfrenta mais de 20 ações desde especial de Natal com Jesus gay. **Folha de S. Paulo**, Painel S.A., São Paulo, 06 Ago. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painelsa/2020/08/porta-dos-fundos-enfrenta-mais-de-20-aco-es-desde-especial-de-natal-com-jesus-gay.shtml>. Acesso em: 21 Jul. 2021.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 4, n. 11, nov./2007, p. 115-135.

FERES, Marcelo G. Jorge. PORTA DOS FUNDOS. **O Estado de S. Paulo**, Fórum dos Leitores, São Paulo, 10 Jan. 2020. Disponível em: <https://opinio.estadao.com.br/noticias/artigos-dos-leitores,forum-dos-leitores,70003151259>. Acesso em: 21 Jul. 2021.

G1. Justiça do Rio determina que Especial de Natal do Porta dos Fundos seja retirado do ar. **G1**, Rio de Janeiro, 08 Jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/01/08/justica-do-rj-determina-que-especial-de-natal-do-porta-dos-fundos-seja-retirado-do-ar.ghtml>. Acesso em: 21 Jul. 2021.

GOES, Tony. Bolsonaristas preferem a Venezuela quando o tema é liberdade, diz Antonio Tabet. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, 10 Mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/03/bolsonaristas-preferem-a-venezuela-quando-o-tema-e-liberdade-diz-antonio-tabet.shtml>. Acesso em: 21 Jul. 2021.

JOHNSON, Richard. “What is cultural studies anyway?”. In: STOREY, J. (Org.). **What is Cultural Studies?** A Reader. Londres: Arnold, 1996, p. 75-114.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. Trad. Adail Sobral et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MEIER, Bruno. Canal Canalha, o novo gigante do YouTube. **Veja**, São Paulo, 30/07/2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/veja-gente/canal-canalha-o-novo-gigante-do-youtube/>. Acesso em: 19 Jan. 2021.

MENEZES, Thales de. Grupo inglês Monty Python faz 50 anos e mantém a relevância no humor. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo, 05 Out. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/10/grupo-ingles-monty-python-faz-50-anos-e-mantem-a-relevancia-no-humor.shtml>. Acesso em: 21 Jul. 2021.

MOREIRA, Carlos André. Proibição de especial do Porta dos Fundos abre debate sobre liberdade de expressão. **Zero Hora**, Cultura e Lazer, Porto Alegre, 09 Jan. 2021. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2020/01/proibicao-de-especial-do-porta-dos-fundos-abre-debate-sobre-liberdade-de-expressao-ck57gzwhn02v201odf84an2gg.html>. Acesso em: 21 Jul. 2021.

NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald. **Cultural Backlash: Trump, Brexit and authoritarian populism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

NUBLAT, Johanna; LIMA, Isabelle Moreira. Associação católica vai ao Ministério Público contra Porta dos Fundos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 Jan. 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/01/1396983-associacao-catolica-vai-ao-ministerio-publico-contra-porta-dos-fundos.shtml?origin=folha>. Acesso em: 21 Jul. 2021.

OLIVA, Thiago Dias; ANTONIALLI, Dennys Marcelo e SANTOS, Maike Wile dos. Censura judicial no humor: análise de decisões judiciais envolvendo liberdade de expressão na internet. **Revista Direitos Culturais**, Santo Ângelo, v. 14, n. 34, p. 19-44, mai./ago. 2019. Disponível em: <https://www.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2019/05/2914-10535-1-PB.pdf>. Acesso em: 07 Jul. 2021.

PAMPLONA, Nicola. Procurado por ataque ao Porta dos Fundos confessa crime e pedirá asilo à Rússia. **Folha de S. Paulo**, Televisão, São Paulo, 04 Jan. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/01/procurado-por-ataque-a-sede-do-porta-dos-fundos-diz-que-pedira-asilo-a-russia.shtml?origin=folha>. Acesso em: 14 Ago. 2020.

POSSENTI, Sírio. **Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2018.

_____. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

RIZZO, José Claudio Marmo. OS SUBVERSIVOS. **O Estado de S. Paulo**, Fórum dos Leitores, 18 Jan. 2020. Disponível em: <https://opinioao.estadao.com.br/noticias/artigos-dos-leitores,forum-dos-leitores,70003163387>. Acesso em: 21 Jul. 2021.

RODRIGUES, Maria Fernanda. Entenda o caso Porta dos Fundos e a discussão sobre censura e liberdade de expressão e de religião. **O Estado de S. Paulo**, Cultura, São Paulo, 09 Jan. 2020. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/televisao,entenda-o-caso-porta-dos-fundos-e-a-discussao-sobre-censura-e-liberdade-de-expressao-e-de-religiao,70003150871>. Acesso em: 21 Jul. 2021.

SCABIN, Nara Lya Cabral. **Politicamente correto, uma categoria em disputa**. Curitiba: Appris, 2018.

_____. Discursos sobre el humor, la libertad de expresión y la ofensa en artículos publicado en dos periódicos brasileiros entre el 2012 y el 2016. **Mediaciones**, v. 16, n. 25, p. 260-272, dez. 2020.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

SOARES, Rosana de Lima; SILVA, Gislene. Lugares da crítica na cultura midiática. **Comunicação, mídia e consumo**, v. 13, n. 37, mai./ago. 2016, p. 9-28. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/1140>. Acesso em: 14 Jul. 2021.

ZAMIN, Angela. Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 918-942, set./dez. 2014.

Textos do corpus citados:

GOES, Tony. No fundo, especial de Natal do Porta dos Fundos é terrivelmente cristão. **Folha de S. Paulo**, F5, São Paulo, 16 Dez. 2019a. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/tonygoes/2019/12/no-fundo-especial-de-natal-do-porta-dos-fundos-e-terrivelmente-cristao.shtml>. Acesso em: 21 Jul. 2021.

_____. Je suis Porta dos Fundos. **Folha de S. Paulo**, F5, São Paulo, 26 Dez. 2019b. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/tonygoes/2019/12/je-suis-porta-dos-fundos.shtml>. Acesso em: 21 Jul. 2021.

ORICCHIO, Luiz Zanin. Terror no Brasil. **O Estado de S. Paulo**, Blog Luiz Zanin, São Paulo, 27 Dez. 2019. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/luiz-zanin/terror-no-brasil/>. Acesso em: 21 Jul. 2021.

_____. Terry Jones e Monty Python [sic] são exemplo de como a cultura e o humor podem se dar as mãos. **O Estado de S. Paulo**, Cultura, São Paulo, 22 Jan. 2020. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/cinema,terry-jones-e-monty-python-sao-exemplo-de-como-a-cultura-e-o-humor-podem-se-dar-as-maos,70003168562>. Acesso em: 21 Jul. 2021.

PADIGLIONE, Cristina. No humor do Porta dos Fundos, Jesus gay incomoda mais que Jesus do mal. **Folha de S. Paulo**, TELEPADI, São Paulo, 12 Dez. 2019. Disponível em: <https://telepadi.folha.uol.com.br/o-que-tanto-incomodou-os-cristaos-ofendidos-com-especial-porta-dos-fundos/>. Acesso em: 21 Jul. 2021.